



PROGRAMA DE

GESTÃO DE CARBONO

NA CADEIA DE VALOR



PROGRAMA DE
GESTÃO
DE CARBONO
NA CADEIA DE VALOR

1ª EDIÇÃO



CEBDS

Conselho Empresarial Brasileiro
para o Desenvolvimento Sustentável

CONSELHO EMPRESARIAL BRASILEIRO
PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
AVENIDA DAS AMÉRICAS, 1155 / SALA 208
BARRA DA TIJUCA – RIO DE JANEIRO – RJ

...

WWW.CEBDS.ORG.BR

T: +55 (21) 2483-2250 E: CEBDS@CEBDS.ORG

RESUMO EXECUTIVO

O Programa Gestão de Carbono na Cadeia de Valor, desenvolvido pela Câmara Temática de Energia e Mudanças Climáticas do CEBDS (CTClima), sensibilizou e capacitou 32 fornecedoras de empresas associadas para a realização de seus inventários de emissão de GEE. De acordo com o último levantamento feito em agosto, 22 dessas empresas já apresentaram, total (15) ou parcialmente (7), seus inventários. O número mostra que o projeto piloto tem um aproveitamento consolidado de 69% e se mostra uma importante ferramenta para as empresas que já perceberam que a maior fonte de emissão de GEE de sua produção está na sua cadeia de fornecedores, como demonstra análise dos inventários publicados pelo programa GHG Protocol.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
INTRODUÇÃO	5
PROJETO	6
Definição dos fornecedores participantes	6
Listas iniciais das empresas participantes	6
Seleção dos 50 fornecedores participantes do projeto	6
Sensibilização e capacitação	8
Acompanhamento individual posterior	10
CONCLUSÕES, APRENDIZADOS E PRÓXIMOS PASSOS	11

INTRODUÇÃO

Em 2008, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) adaptou a metodologia do World Resources Institute (WRI), o GHG Protocol, ao contexto nacional, em parceria com o GVces e o Ministério do Meio Ambiente.

Sendo hoje a metodologia mais utilizada entre empresas e governos para realização de inventários de gases de efeito estufa, sua importância para a realidade nacional foi tamanha que hoje, apenas três anos após seu início efetivo, com 27 empresas, o número das que oficialmente publicam seus inventários cresceu mais de 200% – mesmo sem qualquer legislação que as obrigue ou, ao menos, incentive tal prática.

Contudo, não só em número cresceram as empresas que publicam seus inventários, mas também no refinamento dos mesmos. Ao averiguarem suas fontes de emissões, as empresas acabam conhecendo ainda mais seu próprio processo produtivo e, até, o processo produtivo de seus fornecedores. De fato, uma das conclusões deste processo de averiguação é que, dependendo do tipo de negócio da companhia que faz seu inventário, grande parte, ou até mesmo a maioria absoluta, de suas emissões não é proveniente de seus processos produtivos (ESCOPO 1) nem mesmo é subproduto da energia gerada para esse processo (ESCOPO 2), mas, sim, de sua cadeia de fornecedores (ESCOPO 3) (FIGURA 1).

Uma das principais conclusões dessa análise é que, a despeito de qualquer investimento que essa empresa faça em eficiência energética ou outros métodos de mitigação de suas emissões, o resultado não terá grande impacto justamente pela considerável proporção da pegada de carbono de seus fornecedores no volume total destas emissões. Nesse sentido, a aproximação entre tais empresas e seus fornecedores é imprescindível – seja pela possibilidade futura de legislações mais restritivas quanto às emissões, seja pelo

respaldo necessário aos *stakeholders* envolvidos no processo.

Estratégias de aproximação dos fornecedores e mesmo capacitação destes por parte de empresas pontualmente já vinham ocorrendo. Algumas, inclusive, já estabeleceram que, em um futuro próximo, um dos critérios para contratação de serviços ou produtos destes fornecedores será justamente se realizam o inventário e controle de suas emissões de gases de efeito de estufa. Indo ao encontro desse objetivo, a Câmara Temática de Energia e Mudanças Climáticas (CTClima) do CEBDS, com apoio da KPMG, propôs, por meio do Programa de Gestão de Carbono na Cadeia de Valor, concentrar esses esforços individuais em um único trabalho. A ideia do projeto era reunir o maior número de fornecedores comuns entre as empresas associadas com o intuito de sensibilizá-los tanto para as mudanças climáticas, quanto para a necessidade de realizar inventários,

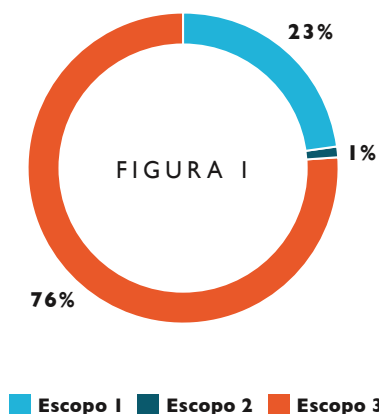
e, então, capacitá-los para essa medição.

As duas abordagens complementares, sensibilização e capacitação, se mostraram relevantes por expectativa de características comuns entre esses fornecedores. A primeira era o possível desconhecimento dos mesmos sobre as mudanças climáticas e o impacto direto que têm sobre a sociedade e os negócios. Mais do que isso: a sensibilização parecia fundamental para que esses fornecedores pudessem conectar as questões das mudanças climáticas às ações de seus empreendimentos e, é claro, como o inventário de suas emissões poderia impactar no conhecimento de seu próprio negócio e em possíveis ganhos de eficiência ao longo do processo. A capacitação, de forma complementar, demonstrava-se necessária, pois mesmo aqueles que já pudessem estar sensibilizados, poderiam carecer de vieses tão técnicos e expertises específicas necessárias para que realizassem seus inventários.

O projeto foi iniciado no fim de 2011 e finalizado em maio de 2012, tendo sido patrocinado por Vale, Votorantim, Banco do Brasil e Banco Itaú. Mais de 240 fornecedores dos patrocinadores foram contatados inicialmente, tendo 50 deles (dentre os mais importantes e que fossem comuns a mais de uma empresa) sido selecionados para participarem de workshops de sensibilização e capacitação. As próximas páginas demonstram a metodologia utilizada para o projeto, seus principais resultados e conclusões, além de autocríticas do processo, importantes para que o projeto seja expandido e, principalmente, continuado.



EMISSIONES BRASILEIRAS POR ESCOPO EM 2010



PROJETO

Buscar o engajamento dos principais fornecedores dos membros da CTClima para a formulação e publicação de inventários de gases de efeito estufa foi o objetivo estabelecido para o projeto. Após arranjos e reformulações, o projeto inicial se dividiu em quatro fases consecutivas:

I. ADESÃO DE EMPRESAS ASSOCIADAS AO PROJETO (JUL-DEZ/2011)

II. DEFINIÇÃO DOS FORNECEDORES PARTICIPANTES (JAN-FEV/2012)

Listas com principais fornecedores de empresas participantes

Seleção dos 50 principais fornecedores comuns a partir da lista oferecida

Convite aos fornecedores selecionados para participar do projeto

III. SENSIBILIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO (MAR/2012)

Contato telefônico e por e-mail com todos os fornecedores participantes

Workshop de Sensibilização e Capacitação para realização do inventário de GEEs

Pesquisa posterior sobre os workshops

IV. ACOMPANHAMENTO DA REALIZAÇÃO DOS INVENTÁRIOS INDIVIDUALMENTE (MAR-MAI/2012)

I. DEFINIÇÃO DOS FORNECEDORES PARTICIPANTES

Listas iniciais das empresas participantes

Após o envio das listas iniciais das empresas participantes, foram indicados para o projeto 244 fornecedores de todo o Brasil e de diferentes segmentos empresariais.

Uma análise inicial apontou justamente a discrepância de segmentos (FIGURA 2), e a concentração regional, em especial no Sudeste (78%) e, especificamente, no estado de São Paulo (51%)(FIGURA 3). Outro problema potencial se revelou: os tipos de serviço que os fornecedores prestam às empresas também são bastante discrepantes, a ponto de haver setores com emissões muito significativas (como siderurgia ou transportes) e outras sem a mesma intensidade (como serviços de informática ou consultorias).

Ainda assim, o número mais impactante da listagem inicial era a quantidade de empresas que não realizavam seus inventários (FIGURA 4): do universo original de 244 empresas, apenas

8 já realizavam algum tipo de levantamento de emissões de gases de efeito estufa, reforçando, mais uma vez, a necessidade da ação, de acordo com informações disponibilizadas pelas mesmas.

Ainda sobre o corte inicial das empresas, há de se mencionar a falta de informações quanto ao tamanho dos fornecedores – se eram pequenas, médias ou grandes empresas. Somente 63 empresas tiveram esse dado revelado. Para próximas edições do projeto, fica o registro da necessidade de se apurar essa informação de antemão e de se definir o critério a ser utilizado para isso (se pela receita ou pelo número de funcionários).

Seleção dos 50 fornecedores participantes do projeto

Um dos números mais desafiadores da listagem inicial foi de que apenas oito fornecedores eram comuns a duas ou mais das quatro empresas participantes – algo não tão surpreendente dado os setores das empresas participantes: dois bancos, uma

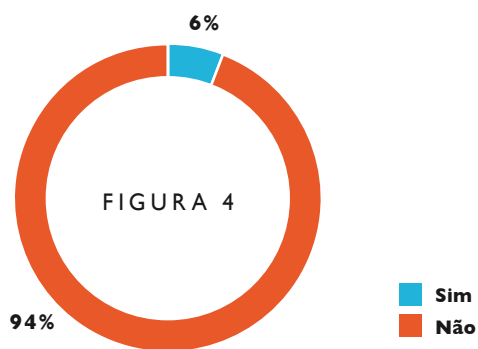
O NÚMERO MAIS IMPACTANTE DA LISTAGEM INICIAL ERA A QUANTIDADE DE EMPRESAS QUE NÃO REALIZAVAM SEUS INVENTÁRIOS: DO UNIVERSO ORIGINAL DE 244 EMPRESAS, APENAS 8 JÁ REALIZAVAM ALGUM TIPO DE LEVANTAMENTO DE EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA

mineradora e um grupo de mineração, siderurgia, cimento, energia, papel e celulose e produtor de laranjas. O reflexo da discrepância é claramente identificado na distribuição por setor feito pelos 50 fornecedores participantes (FIGURA 5).

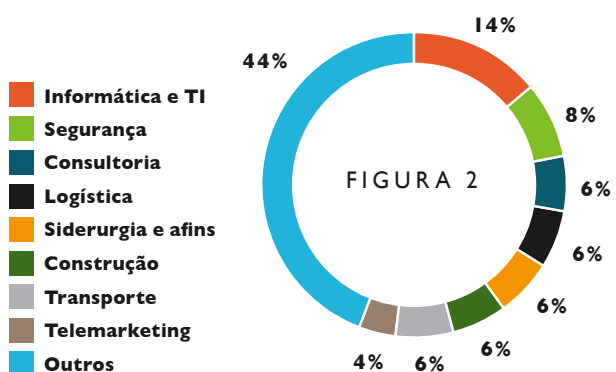
No gráfico apresentado, somente setores com três ou mais fornecedores são representados individualmente. Vê-se que a pulverização verificada no primeiro corte (FIGURA 2) se manteve no segundo (FIGURA 5) – algo que apenas reforça a difícil, mas importante missão de se trabalhar com diferentes setores no mesmo projeto.

O mesmo ocorre com a distribuição geográfica dos fornecedores participantes (FIGURA 6). Ainda que se verifique uma leve queda na preponderância do Sudeste e aumento dos fornecedores do Centro-Oeste, a proporção se manteve quase a mesma do número original.

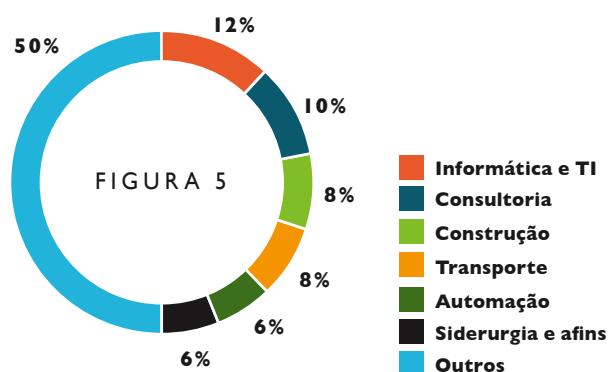
NÚMERO DE EMPRESAS QUE JÁ REALIZAVAM INVENTÁRIOS DE GEES ANTES DO PROJETO (CORTE DAS EMPRESAS)



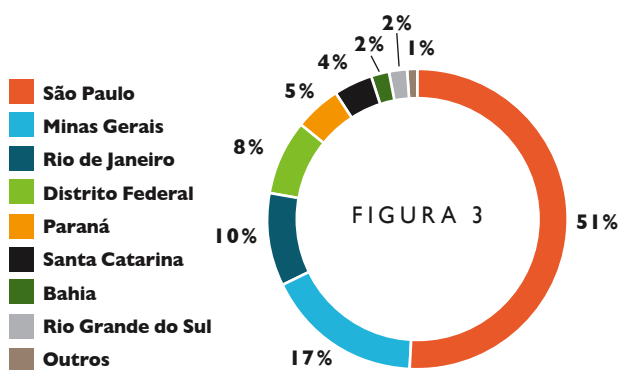
FORNECEDORES POR SEGMENTO (CORTE DAS EMPRESAS)



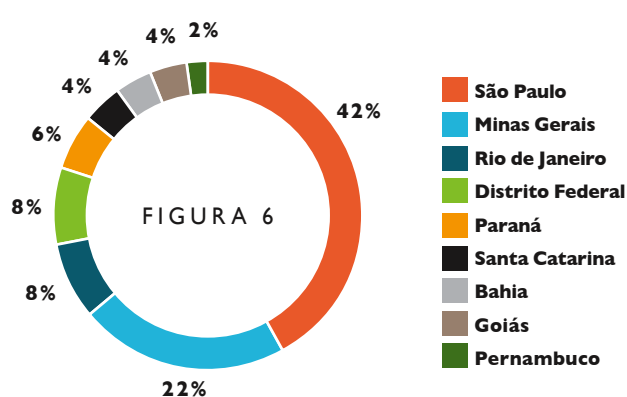
FORNECEDORES POR SEGMENTO (SOMENTE PARTICIPANTES)



FORNECEDORES POR UF (CORTE DAS EMPRESAS)



FORNECEDORES POR UF (SOMENTE PARTICIPANTES)



II. SENSIBILIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO

O processo de sensibilização e capacitação foi iniciado com dois workshops realizados em São Paulo, no dia 27 de março, na sede da KPMG. Duas sessões de quatro horas, com 25 fornecedores cada, foram realizadas para proporcionar um primeiro contato entre os participantes e os realizadores do projeto, explicar a motivação das empresas associadas ao CEBDS e a apresentação de cases de fornecedores que se beneficiaram (e, por consequência, beneficiaram a quem fornece seus produtos) de forma ostensiva por efetuarem a gestão de carbono de seus empreendimentos.

Dos 50 fornecedores participantes, 32 compareceram ao seu respectivo workshop. O custo de deslocamento, a disponibilidade de agenda e a falta de necessidade em especial para a etapa de sensibilização foram as principais justificativas alegadas pelos fornecedores ausentes.

O objetivo principal dos workshops foi a sensibilização desses fornecedores para as necessidades de adaptação da gestão de seus negócios por conta das mudanças climáticas. Como já comentado anteriormente, por vezes, os fornecedores pouco se engajavam, ou mesmo se interessavam, pelo tema – mesmo aqueles cujos produtos e serviços tenham grandes emissões ou outro impacto significativo às mudanças climáticas. De fato, ponto importante frisado no workshop foi a demonstração de consequências diretas das mudanças climáticas a diversos setores da economia brasileira – e justamente baseado nessas consequências, foram ainda colocadas as principais vantagens e diferenciais àqueles que efetuam inventários de suas emissões.

Ao final de cada workshop, era apresentada de forma breve a ferramenta de cálculo do Programa Brasileiro GHG Protocol e como utilizá-la. Foi acordado previamente com os fornecedores que, como a distribuição por setores dos mesmos era bem elevada,

seria mais proveitoso um resumo geral em suas funções e uso do que meandros operacionais mais específicos que cada setor pudesse requisitar. Ainda assim, a apresentação se focou na definição dos limites operacionais, identificação e classificação das principais fontes de emissão e categorização entre os três escopos. Por fim, foi demonstrado o funcionamento da ferramenta de cálculo do programa.

Após o workshop, um formulário online foi passado aos 50 fornecedores participantes para que avaliassem sua participação no projeto, principais conclusões dos workshops e expectativas sobre se iniciariam de fato o trabalho de inventariar suas emissões a partir de então.

Mais de 80% dos fornecedores não realizavam previamente quaisquer tipos de inventários de emissão antes do projeto (FIGURA 7) e, desses, cerca de 60% justificam a não realização pela falta de necessidade ou de interesse, seja pelo tipo de negócios que realizam ou pelo baixo grau de emissões; pelas dificuldades técnicas inerentes ao processo; e pelo custo atrelado (FIGURA 8). Conclui-se, pois, que o Programa de Gestão de Carbono na Cadeia de Valor supre as motivações que impossibilitavam a realização de inventários. Ou seja, o projeto comprova o interesse dos seus “clientes” nas informações do inventário – foram eles os patrocinadores dos workshops –, ensina como fazer o levantamento das informações e quase sem custos (os participantes pagaram apenas o deslocamento até São Paulo).

Avaliando qualitativamente os workshops, os fornecedores participantes registraram um bom aproveitamento da sensibilização, com média 3,9 em escala de 1 a 5; quanto a qualidade das informações para a realização de inventários, a média é ligeiramente superior, 4. Apenas dois dos 32 fornecedores consideraram a qualidade das informações

DUAS SESSÕES DE QUATRO HORAS, COM 25 FORNECEDORES CADA, FORAM REALIZADAS PARA PROPORCIONAR UM PRIMEIRO CONTATO ENTRE OS PARTICIPANTES E OS REALIZADORES DO PROJETO

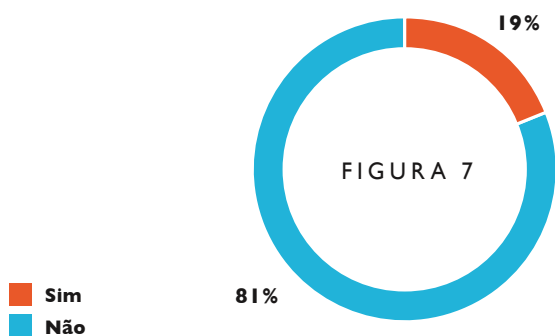
ruim, enquanto a ampla maioria, nas duas avaliações, considerou o workshop bom (FIGURA 9).

Não à toa, o resultado mais expressivo do questionário concerne à disposição dos fornecedores em realizar seu primeiro inventário (ou um novo) após o workshop: quatro entre cinco

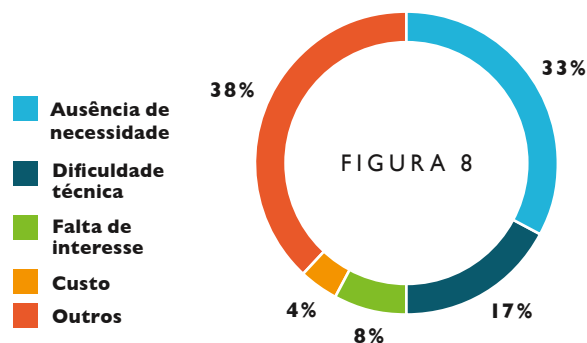
disseram que o fariam a partir de então, enquanto 6% ainda não sabiam ao certo (dependiam de decisões posteriores à publicação deste relatório) (FIGURA 10). Esse resultado pode ser encarado como o primeiro sucesso do projeto. Ainda que em pequena escala, o engajamento de quatro entre cinco fornecedores que

participaram do workshop demonstra que: (a) a metodologia, ainda que passível de aperfeiçoamento, foi precisa nos pontos trabalhados, na argumentação utilizada e na fase inicial de capacitação; e (b) já é possível projetar uma segunda edição do projeto em escala maior, com as devidas adaptações, para os próximos anos.

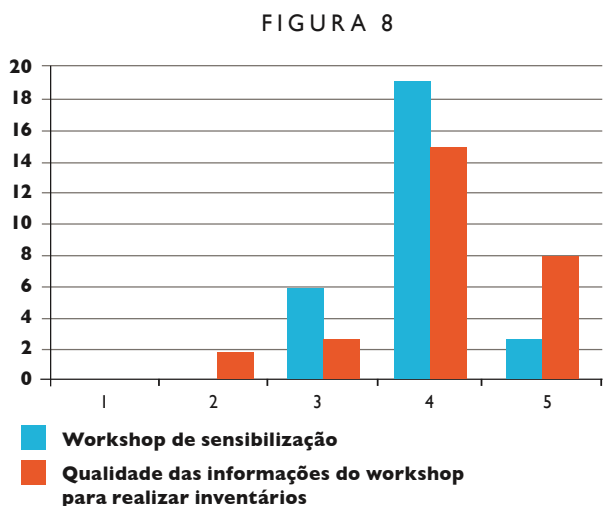
NÚMERO DE FORNECEDORES PARTICIPANTES QUE REALIZAVAM INVENTÁRIO DE EMISSÕES ANTES DO PROJETO



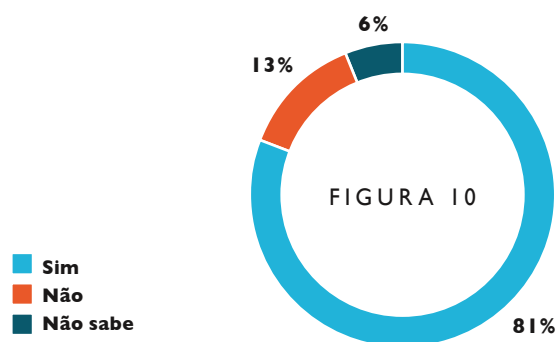
PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES APONTADAS PARA NÃO REALIZAR INVENTÁRIOS DE EMISSÃO



AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO WORKSHOP PELOS FORNECEDORES (1: PÉSSIMO; 5: EXCELENTE)



FORNECEDOR ESTÁ DISPOSTO A REALIZAR PRIMEIRO/NOVO INVENTÁRIO APÓS WORKSHOP



III. ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL POSTERIOR

Na última fase do projeto, a KPMG manteve o contínuo follow-up com as empresas que estiveram presentes durante o workshop e/ou que responderam ao questionário posterior. Neste, as empresas eram acompanhadas nos processos internos de realização dos inventários, pediam auxílio em questões pontuais e consolidavam seus inventários.

No último levantamento realizado em agosto de 2012, 22 empresas já haviam apresentado, total (15) ou parcialmente (7), seu inventário de emissões, o que equivale a 91% do total de fornecedores que se dispuseram a realizar os inventários ao final dos workshops e 69% do total de participantes. O restante (12) ainda não determinou essa data ou não respondeu a essa pergunta (FIGURA 11)

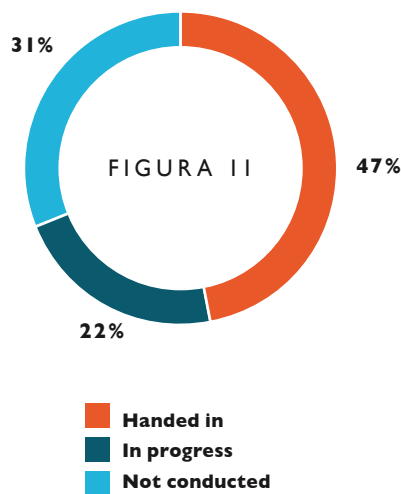
Dos inventários já recebidos, a KPMG verifica itens como o escopo trabalhado (se o inventário era de toda a empresa ou

tão somente para as áreas que forneciam às empresas participantes), versão da ferramenta trabalhada (pela mesma ter sido atualizada duas vezes ao longo de 2012) ou fontes emissoras consideradas. Em suma, um trabalho de polimento das informações já apresentadas e de acompanhamento daquelas a apresentar.

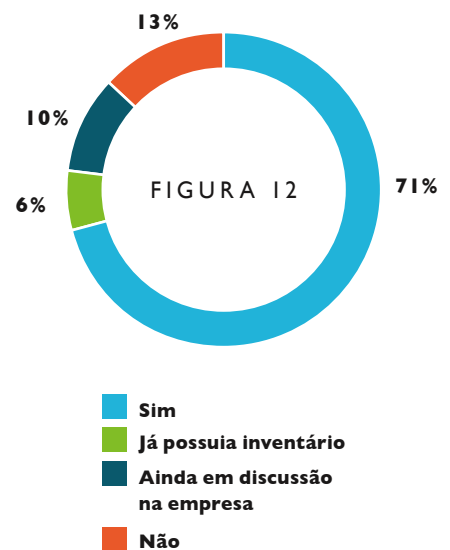
O número de empresas que disseram se mobilizar para realizar seu inventário caiu levemente se comparado ao levantamento anterior, para 77%, enquanto o número de empresas ainda incertas subiu para 10% (FIGURA 12). Isto pode ser reflexo do descolamento entre a equipe técnica/gerencial, público-alvo esperado para o workshop, e o corpo decisório das empresas – demonstrando-se, assim, a possível de necessidade de se trabalhar também com escala hierárquica mais elevada destes fornecedores.

91% DO TOTAL DE FORNECEDORES QUE SE DISPUSERAM A REALIZAR OS INVENTÁRIOS AO FINAL DOS WORKSHOPS E 69% DO TOTAL DE PARTICIPANTES

STATUS DOS INVENTÁRIOS EM TRÂMITE (AGOSTO/2012)



FORNECEDOR ESTÁ SE MOBILIZANDO INTERNAMENTE PARA REALIZAR INVENTÁRIO (JUNHO/2012)



CONCLUSÕES APRENDIZADOS E PRÓXIMOS PASSOS

O Programa de Gestão de Carbono na Cadeia de Valor alcançou os objetivos pretendidos, em especial por dois resultados: o primeiro, mais direto, foi a sensibilização e capacitação de fornecedores das empresas participantes. Mais de trinta fornecedores dos participantes foram sensibilizados e capacitados nos workshops do projeto e pelo menos vinte e dois destes já entregaram ou estão em vias de entregar seus inventários de emissão de carbono.

O segundo resultado positivo é a possibilidade de replicação, aumento e continuidade do projeto para futuras edições nos próximos anos. Como explicitado anteriormente, ainda que o projeto seja passível de diversas críticas e tenha que passar por um refinamento, seu teor principal – a capacitação de um grupo diverso e altamente representativo de fornecedores, de preferência comuns, das empresas participantes – foi aprovado. E isso pode e deve ser replicado e continuado em futuras edições.

Contudo, as críticas não podem ser relegadas. Uma série de pontos deverá ser aperfeiçoado para que a margem de aproveitamento do projeto cresça de forma satisfatória. Ponto inicial, por exemplo, é um diálogo mais intenso previamente ao projeto dentro das empresas participantes de forma a selecionar não só os fornecedores que sejam mais estratégicos, mas principalmente aqueles que tenham maior participação no volume total de seu escopo 3 – algo que pouco aconteceu nesse primeiro projeto. Outro ponto para se trabalhar é quanto a

normalização das informações requisitadas sobre estes fornecedores: dados como localização do fornecedor, setor que atua, seu porte (e escola do critério a ser utilizado para definição de porte, se será por faturamento ou por número de funcionários) e se já realizam inventários. Nesse sentido, é necessário um diálogo mais aprofundado dos realizadores do projeto (CEBDS e KPMG) com as áreas de suprimento/fornecedores das empresas participantes, além de um aprimoramento do diálogo interno destas empresas, a fim de que se diminuam possíveis ruídos.

Por outro lado, tanto as empresas participantes quanto os realizadores do projeto devem estreitar ainda mais o contato com os fornecedores participantes. As primeiras incentivando a participação dos mesmos – por exemplo, via convite específico aos seus pontos de contato, formalizando e legitimando ainda mais o chamado para participarem do projeto. Já os segundos, munidos de amplas informações desses fornecedores – em específico, um ponto de contato constante –, devem articular ao máximo para que todos estejam

presentes nos workshops e para que o acompanhamento da realização de seus inventários aconteça com regularidade. Fato relevante percebido ao longo do processo foi o interesse reforçado dos fornecedores cuja empresa já tinha exigências contratuais quanto à apresentação de inventários.

Outro ponto de melhoria, não discutido até então nesse relatório, é o acompanhamento do destino dos inventários realizados. Quando de sua concepção inicial, a ideia do projeto abarcava uma possível publicação dos relatórios no registro público de emissões brasileiro, do Programa Brasileiro GHG Protocol. Tendo esse escopo diminuído posteriormente, o que impossibilitou esse acompanhamento, foi informado aos fornecedores que seus inventários seriam encaminhados às empresas a quem forneciam. Fica a observação de que a publicação dos inventários seja estudada em futuras edições, a fim de que essas emissões não só possam ser divulgadas (e de forma anual), mas também de que se aumente a base de dados brasileira sobre o assunto.

EQUIPE

CEBDS

Coordenador do projeto

Fernando Malta

CTCLIMA

Presidente

David Canassa (Votorantim)

Vice-Presidente

Vivian Macknight (Vale)

KPMG

Gerente do Projeto

Ricardo Zibas

Consultoras

Mariane Sá

Paula da Silva Carvalho

PROGRAMA DE GESTÃO DE CARBONO NA CADEIA DE VALOR

Realização



CEBDS

Conselho Empresarial Brasileiro
para o Desenvolvimento Sustentável

Patrocinadores



Apoio



NOTA DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE: *Este relatório foi publicado em nome do CEBDS. Ainda que as empresas da CTClima, as empresas participantes, seus fornecedores e a KPMG tenham participado ativamente da constante idealização do projeto e de sua realização, toda e qualquer opinião aqui expressa se limita ao posicionamento do CEBDS.*